



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

20 de Março de 2004 • Ano LXI • N.º 1566  
Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa  
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

## TRIBUNA DE COIMBRA

### Encontro de despedida

**D**ESPEDI-ME, há pouco, do Martinho. Ele e mais dois irmãos são filhos de um emigrante cabo-verdeano que, longe da sua pátria, como tantos outros, veio em busca de vida melhor. As coisas, familiarmente, correram mal. Veio a separação do casal e os meninos vieram para nós. Apreciamos sempre a ligação forte que o pai manteve com eles enquanto pequenos. Não admira que a minha primeira pergunta vá por ele. Recordo que depois de passar o Domingo com eles vinha despedir-se com um: «Ai, padre, não sabe o que sinto pelos meus filhos...!» Ficava impressionado e comovido com a sua sincera expressão de paternidade. Os rapazes cresceram. O Martinho, o do meio, tem agora 21 anos. Está um homem e parece amadurecido. A vida tem forçado, mas sem revolta nem desvio. Enquanto vínhamos para Coimbra, recordei os anos longos do seu crescimento, dos 8 aos 18. A ligação afectiva dos três, sempre muito juntos, a luta pela escolaridade obrigatória, a formação profissional como rampa de lançamento imediato para a vida, foram etapas que consegui com esforço e êxito. Veio o primeiro emprego, alguma insatisfação à mistura; o desejo de lutar por si próprio, por fim, a saída cá de Casa. Mas, tudo passos certos e sem solavancos como, aliás, me pareceu ser sempre um traço

Continua na página 4

**H**Á meses que ele não aparecia. No último encontro transbordava felicidade porque tinha finalmente encontrado um posto de trabalho em empresa que presta serviço à Câmara no sector das limpezas de rua e recolha de lixos.

Ele tem vinte e cinco anos, uma filhinha entre os dois e os três; e há uns dez que *anda por lá*, desde que a mãe conseguiu *virar* a sua cabeça de adolescente e ele nos abandonou e ao oitavo ano de escolaridade que então frequentava. Podia agora ter terminado, ou estar terminando, uma formação, até de nível superior que para tanto dava a sua capacidade... Mas mesmo cónscio dela, do tanto que tem sofrido, ele aprendeu a apreciar qualquer coisa que permita subsistir e daí o seu contentamento pelo trabalho que lhe era dado fazer.

Hoje apareceu-me derrotado. Os seis meses de contrato terminaram e ele e a leva dos que com ele começaram foram dispensados. A empresa não quer prender-se com vínculos aos seus trabalhadores; e como a tarefa é chãzinha e se aprende depressa, agora vão estes e daqui a seis meses, se calhar, até alguns destes

## Notas do Tempo

poderão voltar... por mais seis meses.

Eu sei que não estou a falar de um caso singular. Como este, e a outros níveis que não o da recolha de lixos e limpeza de ruas, são incontáveis os que vivem sob a alçada da lei do prazo. Servisse ela um critério de avaliação antes da tomada de um compromisso duradouro — tudo bem! Mas não é assim; é a fuga às obrigações. E, se se trata de um lugar de carreira, findo o estágio, mesmo com boas provas do estagiário, não está livre de ser preterido por um *boy* politicamente apadrinhado que entretanto surgiu no horizonte dos empresários.

O nosso Daniel licenciou-se o Verão passado em Engenharia do Ambiente. Na empresa onde fez seu estágio académico, certamente pela boa imagem que lá deixou, abriram-lhe as portas para novo estágio, agora já no interesse efectivo da empresa. Tudo bem até agora. Mas ele sabe e nós sabemos que o fim dos dez meses presentemente em

curso não é oportunidade certa para uma contratação que, entretanto, pode despertar a preferência de outros interesses a satisfazer.

Eu sei que estes casos não são singulares (Quem dera que o fossem!); nem entre nós nem em qualquer país do Norte, que se arroga a condução dos destinos do mundo. Do Sul nem se fala, de habituados que estão os seus Povos a ser o chão de ricochete dos desvarios do Norte.

O desemprego é um flagelo mundial que o progresso tecnológico incrementa sem encontrar resistência que compense os seus efeitos, os efeitos perversos de um pro-

gresso que se quer e deveria ser bom — bom para os homens, pois para quem?! Pelo contrário, o neo-liberalismo, galopante para a globalização, parece não ter em si mesmo nem vontade de conter aqueles efeitos perversos e remediá-los, relegando os homens para depois... não se sabe quando...

E o abismo entre os homens vai-se aprofundando e alargando: Cada vez o mundo é mais de uma minoria em enriquecimento contínuo, enquanto a maioria da Humanidade cresce em número e em pobreza que, mesmo antes de chegar

Continua na página 3

## PRATICANDO O BEM

### Única saída

**E**NTRÉ as filas de Pobres que diariamente demandam a esta Casa destaco uma senhora, mãe de três filhos que vinha pedir comida, roupa e uma ajudinha em dinheiro.

Se é mau dar esmola na rua sem saber a quem, não é recomendável ajudar, em Casa, pessoas cuja vida se não conhece. Corremos o risco de afundar a dignidade humana em vez de libertar as pessoas.

Assim, visitar os Pobres é uma tarefa que se impõe por si mesma para fazermos o Bem, bem feito.

Conhecer a vida do irmão que se quer auxiliar com olhos purificados pela imagem de Jesus, a detecção das circunstâncias que o mantêm ou o arrastaram a um estado de carência que o leva a pedir apoio, é uma actividade apostólica.

Aos Pobres mais vizinhos encarregamos as Conferências Vicentinas de fazerem este trabalho, mas, aos de mais longe e onde elas não existem, limitamo-nos a avaliar pelo aspecto da pes-

soa, a narração da penúria e das dificuldades e, até, a intuição momentânea, sempre com medo das nossas próprias emoções e da habilidade de quem pode explorar a nossa compaixão.

Aquela senhora, com trinta e poucos anos, relatava a sua extrema pobreza enquanto, naturalmente, exibia uma boca amarelecida, despovoada de alguns dentes incisivos e lábios gretados.

— Então, o seu marido não trabalha?

Se tem filhos — perguntar pelo marido — é uma questão dignificante.

— Teve um desastre de motorizada contra um automóvel, de que ele próprio foi responsabilizado. Ficou sem uma perna e, agora, a prótese estragou-se. Ele só anda de muletas e não pode trabalhar.

— Que vá à Segurança Social, pedir ajuda, senhora!...

— Já lá fui. Agora não têm verba.

— O seu homem pode vir falar comigo?

— Pode, sim, senhor abade.

Logo no outro dia, apresentaram-se ambos com duas crianças.

Ele exibia-me o coto da perna cortada abaixo do joelho, ferido e macedado pela prótese velha e deformada.

Mandei-o logo fazer o aparelho. A gente paga.

Dá-nos ânimo ver as pessoas quererem sair de situações inferiorizantes.

Ter pernas para ganhar o pão da família — nada mais nobre.

Apareceu, passados dias, com o orçamento e a recomendação da oficina que só executariam a prótese após o pagamento de mil euros.

Passei o cheque. Esperámos dois meses. Ao orçamento fornecido, o dono da oficina acrescentou mais duzentos e cinquenta euros.

— Só lhe dou a prótese com mais 750 euros.

Muito sofrem os Pobres!... O estado de pobreza obriga-os à sublimidade!

Nada valeu o meu telefonema e a confissão de que era a Casa do Gaiato quem arqueava com a despesa. Nada.

— Ou dá os 1750 euros, ou não leva o equipamento.

Pronto. Que havemos de fazer? Os Pobres só têm uma saída.

Padre Acílio

## Malanje

### Árvores

**N**ÃO sabemos donde os pássaros trouxeram as sementes que germinaram.

As árvores que, suponho, da família das acácias, cresceram em quase toda a nossa Aldeia e, agora, nas chuvas, elas se desfazem em cachos amarelos... É uma linda perfusão!

— Onde arranjou estas árvores? — perguntou-me alguém.

— Nasceram aqui, respondi.

— Lindas que são!

De facto, a natureza desfaz-se em beleza. Pena que os nossos olhos perderam a capacidade de transmitir à alma o belo... Ou será esta que o repele?

Dizia, há dias, um amigo na coluna do seu jornal: «Fomos perdendo o sentido do belo... Ficamos prisioneiros da caixinha mágica que às crianças mostra guerras e monstros e aos adultos violência e porcaria».

### O «Primo»

**V**EIO o «Primo» — alcunha de um gaiato já com dois filhos jovens.

Cresceu aqui na nossa Casa. Foi na altura das fusões e só agora teve oportunidade de vir.

Encontrou os nossos tanques-banheiros para o gado abandonados e vazios.

Arregaçou as mangas e, em quinze dias, pôs tudo a funcionar. As vacas já mergulham e ficaram livres das carraças.

Em vez de ficar a murmurar que no seu tempo era assado... juntou a lenha e fez a cozedura. Bonito!

Logo no terceiro dia fui vê-lo, metido no tanque, sujo, tronco nu, a desentupir os canos ferrugentos.

Hoje fomos os dois ver o gado que pastava nos parques — limpo e já mais gordo.

Grande «Primo»!

Padre Telmo

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**DOENTES** — Já temos dito e repetido: a maior parte dos nossos Pobres precisam de auxílio na farmácia, por doenças de idade avançada, vários deles.

Ainda no último mês a conta dos remédios orçou quinhentos euros!

Parte deles são vítimas de doenças incuráveis, que exigem determinadas drogas caras, tendo os Pobres necessidade de terapêutica adequada para alívio dos seus males.

Parte desta gente recebe pensões pequeninas, do regime rural. Mal chegam para o seu alimento, quanto mais para remédios caros.

— Como é que a gente pode tratar da saúde?!

Ouvimos este clamor todos os dias, com olhos de lágrimas, mas, graças a Deus, conseguimos atendê-los e, deste modo, aliviarmos o *quase nada*, que a Segurança Social dá após uma vida de trabalho na lavoura, no meio rural.

Algumas destas pessoas têm receituários de dez contos (moeda antiga), cerca de cinquenta euros de uma só vez. O caso de uma viúva que tem *vergonha* de nos bater à porta! E uma outra mulher, do mesmo género, cujo marido, com salário mínimo, não daria também para pagar receitas na farmácia. Os serviços médico-sociais deveriam remediar muito mais o receituário marcado pelo médico. Mas o Estado faz aquilo que está marcado na legislação em vigor. Quando resolverão as dificuldades destes Pobres?!

Deixá-los morrer...!?

**PARTILHA** — Cem euros, da assinante 14708, de Minde, «para os vossos Pobres. É pouco, mas dado com o coração». Na brincadeira, Pai Américo dizia que «o coração mata a gente».

O assinante 32986, do Porto, destina o restante de contas com a nossa Editorial «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Não creio que pudesse gastar melhor esta importância em qualquer carnaval. Assim, fico feliz».

Retribuímos também o grande abraço que nos enviou.

Outra vez Porto, mais um remanescente do assinante 62942.

Oliveira de Azeméis, presente «com uma pequena migalha para o que for mais necessário», pela mão da assinante 51427.

Um cheque, de 200 euros, da assinante 57002, vindo da Senhora da Hora: «A minha oferta dos meses de Janeiro e Fevereiro para os Pobres da vossa Conferência. É uma pequena migalha que talvez possa auxiliar um casal idoso mais necessitado, dos muitos

que procuram a vossa ajuda. Peço uma oração por alma de meu marido, e também por mim, para que o Senhor me ajude a aceitar sempre a Sua vontade».

Mais uma presença certa, todas as quinzenas: a assinante 31104, de Lisboa, com o destino do costume. «Deus nosso Senhor tenha pena de quem sofre. Rezem por mim». Com certeza!

Mais um cheque, da assinante 24801, do Porto, que agradece um Pai Nosso e uma Ave Maria. E, também, «um abraço do tamanho do mundo para todos vós». Que diria Pai Américo?

De Miramar (V. N. Gaia), «a assinante 10701, envia um cheque de 100 euros para O GAIATO sendo o remanescente para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus e para o que for mais necessário».

O assinante 28508, de Coimbra, indica «que o restante do cheque (que enviou) é para os Pobres assistidos pela vossa Conferência».

A assinante de Paço de Arcos, que tem o número 5963, «manda a partilha habitual» e saudações fraternas, que retribuimos com amizade.

Aí está Lourdes, do Cacém, «com mais uma gotinha. É pouco, mas de momento, é o que eu posso dar. Cada vez mais admiro a vossa força!»

Agora, temos «uma pequena ajuda, do assinante 9790», sempre muito presente nesta coluna, há muitos anos, que pede uma oração por seus pais que Deus haja.

Mais uma presença habitual: 25 euros, da assinante 53241, do Luso, que, afirma, «se refere à sua contribuição do mês de Fevereiro, destinada às prementes necessidades que vós conheceis».

Cento e cinquenta euros, da assinante 57558, do Porto.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## SETÚBAL

**FUGITIVOS** — Quatro dos nossos rapazes fugiram. Dois foram durante a escola; esperaram que a nossa carrinha fosse embora para fugir. Os outros dois, das nossas oficinas, a seguir ao almoço. Esperamos que eles voltem.

**SUMO** — Um grupo de rapazes da nossa Casa andou a apanhar laranja boa do chão para fazer sumo. Outro grupo lavava e abria a laranja. O terceiro grupo espremia-a. Deste modo tivemos sumo natural à mesa, o que é muito bom.

**ENSAIOS** — O Evelísio já começou a preparar um grupo de rapazes para as Festas. Todos os sábados de manhã, o ensaiador leva-os para a sala de música. Neste momento estão a preparar as danças, depois vão preparar outros números.

## RETALHOS DE VIDA

### Sérgio André

Sou o Sérgio André da Cunha Fernandes. Nasci em Felgueiras, em 19 de Maio de 1993. Tenho, por isso, onze anos. Gosto de estar aqui, na Casa do Gaiato, de Paço de Sousa.

Como me sinto muito feliz, gosto de passar o fim de ano em minha casa.

Sou distribuidor d'O GAIATO.

Frequento a Escola E.B. 1, de Paço de Sousa. Ando no 4.º ano de escolaridade.

Faço a limpeza da nossa tipografia.

Quando for grande gostaria de ser polícia.



Sérgio André

**RAPAZ NOVO** — Em Fevereiro, um rapaz chamado Hildeberto, veio para nossa Casa. É pequeno, usa óculos e gosta de ser guarda-redes. Já gosta de estar em nossa Casa.

João Paulo

## PAÇO DE SOUSA

**DESPORTO** — Tal como tínhamos anunciado, os Iniciados realizam o jogo da 2.ª mão com a Associação Recreativa de Cête. Perdemos, e perdemos muitíssimo mal! O verdadeiro protagonista do jogo foi, como já se esperava, a fraquíssima arbitragem. Os nossos rapazes deviam ser condecorados pela coragem que tiveram, ao terem que lutar contra tudo e contra todos. Se já não é fácil jogar contra onze, pior ainda ter que enfrentar catorze, três dos quais sem terem a noção do que andavam a fazer, quer dizer, sabiam que não podiam nem deviam ser coerentes com as regras do jogo.

Resta-nos a consolação do dever cumprido: tanto em jogo jogado, como em civismo fora e dentro do campo.

Os Seniores receberam a Juventude de Sampaio — Gaia, a quem ganharam, com golos de «Russo» (2) e Rogério (1). Apesar de tudo, não foi fácil... se considerarmos que no decorrer do jogo houve situações que em nada favorecem o Desporto e todos aqueles que com boas intenções o praticam. É bom que nos façamos respeitar, mas de uma forma correcta e sensata. Sem o sermos, felizmente, muitas das vezes, devemos ser «surdos» para não respondermos da mesma forma e, sobretudo, para não nos por-mos ao nível de quem realmente o não tem!...

Os Iniciados deslocaram-se a Gondim da Maia, onde foram muito bem recebidos por toda a gente. Mesmo debaixo de chuva e apesar de termos perdido pela diferença mínima, os

nossos rapazes em nada foram inferiores ao adversário. Com o terreno um pouco enlameado, não foi fácil praticar bom futebol. Mesmo assim, «Bolinhas» e Abílio conseguiram fazer o gosto ao pé, contra os três tentos do adversário. Apenas uma substituição fora dos planos de quem dirige, a de Rolando, por não acatar da melhor maneira as ordens do banco. Brincamos ou trabalhamos?...

Os Seniores, neste fim-de-semana, também perderam com uma equipa de Gondomar. Derrota amarga e pesada por tudo quanto se passou no rectângulo de jogo. Apesar dos nossos rapazes nunca terem baixado os braços, vamos destacar quatro: primeiro, o treinador que sofreu no banco, e de que maneira, ao ver os golos a entrar sem nada poder fazer; segundo, o «Tainha» que, para coroar a sua exibição, marcou um golo monumental; terceiro, o «Bonga» que, como sempre, esteve muito bem e é um dos incansáveis da equipa; por último, o Ilídio, que foi o melhor em campo. Pequeno no tamanho, mas imenso na capacidade física, sobretudo, na eficácia durante os 90 minutos.

Alberto («Resende»)

## MIRANDA DO CORVO

**EXCURSÕES** — No dia 15 de Fevereiro recebemos a visita do grupo de Jovens de Semide. Celebrámos juntos a Eucaristia, sempre muito animada e cantada por todos. De seguida, fomos tomar o pequeno-almoço e conviver uns com os outros.

Dias mais tarde, vieram de Ourém e Seixo da Beira. Trouxeram muita mercearia e outras coisas úteis. Agradecemos a todos a sua gentileza e carinho pela nossa Casa.

Mais uma excursão, agora, feita pelas nossos rapazes. Foram oito à Serra da Estrela. Eram os melhores alunos, até agora com melhor aproveitamento e comportamento escolar.

Foram acompanhados do professor Paulo que dá apoio no nosso Lar de Coimbra.

**OFERTAS** — No dia 14 de Fevereiro, da Câmara Municipal da Lousã, cerca de trezentas merendas. Cada saco tinha três sandes, dois iogurtes e uma peça de fruta. Todo este comer sobrou de uma prova desportiva, na qual dois dos nossos rapazes participaram.

**CARNAVAL** — Os rapazes de Miranda do Corvo festejaram o carnaval escolar no dia 20. Todos eles fantasiados de espantalhos; não havia coisa mais bonita de ver, desde o maior ao mais pequeno.

**ANIMAIS** — Depois da morte do nosso «Farrusco» veio para o seu lugar o «Fafca». Ainda era pequeno e andava à solta. Desapareceu e não se sabe para onde...

Também nos morreu uma vitela por alimentação desregulada.

Já nasceu mais um cordeirinho e temos outra ovelha prestes a parir.

Ontem, matámos dois porcos, pois já tínhamos pouca carne.

**AGRICULTURA** — Já semeámos uma terra de batata. Estamos já há algum tempo sem ela. Esperamos boa colheita se o tempo for favorável.

As videiras já foram podadas para depois rebentarem mais fortes e darem melhor fruto.

Andamos a limpar as oliveiras do lameiro. A lenha será mais tarde utilizada nas nossas lareiras.

**OBRAS** — Continuam em nossa Casa. Apesar da parte central já estar concluída, ainda faltam algumas ligações eléctricas e canalizações de água.

**RAPAZES** — O António Jorge, «Majoio» como era conhecido, foi viver para o pé da mãe. O nosso Padre João arranhou-lhe trabalho e ele seguiu o seu destino, conforme queria.

Também o «Joaninha» saiu cá de Casa para trabalhar fora. Está a viver na casa do seu pai, numa oficina de móveis, em Miranda do Corvo.

Ambos já têm 18 anos. Esperamos que se sintam bem.

O Valeriano, um rapaz da nossa Casa do Gaiato de Benguela — Angola — já foi operado aos ouvidos. A operação nos HUC correu bem e ele está a recuperar.

Adriano

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Deus é Amor. Deus é a descoberta que o homem fez, quando encontrou o Amor de Deus no seu coração.

O homem descobriu que na casa onde não há Deus também não existe amor.

Daf, os divórcios, por vezes, repentinos. Amor no casal, um pelo outro. Amor no casal pelos filhos, que são a bênção de Deus. Aqui, sente-se, cada vez mais, que, depois, estes lhes pagam com a mesma moeda. Amor pelo nosso irmão que necessita de nós.

O problema é que o homem quer fugir a esta realidade. E, para ele, é problemático encontrar-se, um dia, com Aquele que é o Autor da sua vida.

Temos a impressão que o ser humano chegou a um cruzamento, ou bifurcação. Ou se encontra definitivamente com Deus, e nesse caso, dá-se uma renovação, ou, então, perde-se nesse emaranhado de guerras, ódios, em que este mundo se está a afundar.

Hoje, há, cada vez mais, necessidade de fazermos uma paragem na nossa vida. Costuma dizer-se: «parar para pensar».

Então, ao parar pode ser que encontremos Deus no nosso caminho.

Depois deste encontro, é a Luz. Passamos a ver a realidade da vida.

Acabamos por compreender que, sem Deus, só encontramos o caminho da solidão, da fome, da bestialidade e o de quem adora a criatura, em vez de Deus Vivo e Verdadeiro.

Todos nós sabemos, claro, os que acreditam, que em vez de encontrarmos Deus, no seu caminho, o homem tenta encontrar ídolos.

É o que parece estar agora a acontecer, nesta sociedade em que vivemos.

Em vez de festejarmos o aniversário do nascimento do Deus Menino, estamos a trocar o por uma figura inventada pelo homem, o pai natal.

Então, fazem-se marchas de pais natal, fazem festas com distribuição de brinquedos às crianças, sendo a figura central o pai natal a chegar de helicóptero, escrevem-se cartas, enfim, é o ridículo.

Ora, nós sabemos, não só porque nos ensinaram, mas também pelo nosso testemunho de vida, que Deus não é invenção humana.

As luzes apagaram-se. O que sobrou desse fulgor?

Há luzes exteriores potentes e grandes mistérios. Há luzes interiores que nos guiam, sobretudo, nos caminhos dos humildes e conduzem a Cristo, cujo nascimento os homens continuam a dizer que querem festejar. No entanto, será que se acendeu alguma luz no nosso interior para nos iluminar o caminho até ao nosso irmão mais necessitado?

Parece que o ser humano não atinge a sua medida. A não ser respondendo à íntima vocação que o atira para o Absoluto. Esse Absoluto que é Cristo, Uno e Indivisível.

Enfim, chegamos à triste realidade. O Natal não é todos os dias.



## MOÇAMBIQUE

## Verdadeira independência

**Q**UEM diria que a par da seca que nestes anos desde 2001 tem trazido ao Povo que nos rodeia sacrifícios de toda a ordem, haveria uma sede tão grande de aprender.

O slogan «educação é a construção de um mundo novo» tem sido entendido, porque vivido ansiosamente, antes que possam realizá-lo. E logo as mulheres e as jovens é que vão na dianteira, enquanto os homens, agarrados ainda à tradição de serem os donos das mulheres, vão perdendo terreno e não tardará que sejam elas a impor a sua vontade e a criar as suas exigências.

Há cinco anos que a Irmã Quitéria formou um grupo chamado «Despertar», com tarefa de ir pelas casas, a motivar os adultos para o curso nocturno que funcionava na Massaca, só para os nossos operários. Queríamos que todos soubessem, ao menos, assinar o recibo do salário. Conseguimos, pelo menos, isso.

De então para cá, em 2001, com o grupo mais activo, apareceram 36 pessoas, quase só senhoras e jovens, que tinham deixado de estudar e matricula-

ram-se na sexta classe. Aproveitamento total.

Em 2002, na Escola de Casa ficaram as já então na oitava e na Massaca as da sexta e sétima. Ao todo oitenta e seis, quase só alunas. No ano passado continuou a aumentar o entusiasmo, a ponto de termos de mudar horários no atendimento dos Postos de Saúde e nas Creches. É que quase todas as monitoras e pessoal de saúde entraram na onda, com verdadeiro entusiasmo. Foram cento e quarenta e cinco. O aproveitamento foi quase total.

Este ano, mais que dobrou. São trezentas e sessenta alunas.

Os homens ou rapazes, quase não contam. Mal para eles. O pagamento aos professores está assegurado em sessenta por cento pela Educação e no restante por *Pro Salus*, de Espanha.

O transporte das Aldeias, de modo a estarem todos juntos às quatro e o regresso pelas oito e meia da noite, é connosco. No conjunto não é o mais dispendioso, mas são quase dois mil euros por mês, e é pesado para esta Casa onde há ainda muita coisa a construir e que vai sendo adiada.

Picoco fica a cerca de quinze Km para o lado de Boane. Mahanhane, como agora se chama a Aldeia de Vinte e Cinco de Junho, a 12; Maialane mais cinco e finalmente Changalane a quarenta da Massaca. Quase ninguém, a não ser os que trabalham connosco, têm dinheiro para pagar o transporte. São três autocarros pequenos para toda a gente. É um trabalho complementar e imprescindível que dá gosto apoiar, pelo entusiasmo dos jovens e mães e pelo aproveitamento que todos têm alcançado. Mas é ao fim destes anos a compreensão de uma frase do poema que vem na contracapa do folheto informativo entregue na hora da inscrição: «doença é falta de educação, falta de alimento e fome é falta de educação». Claro que esta não é só a dos livros.

Já passou um quarto de século que este povo proclamou a sua libertação, celebrada todos os anos como a sua grande epopeia histórica. Mas é agora, nos bancos da Escola, que está em gestação a verdadeira independência.

Padre José Maria

## Correspondência dos Leitores

## Cá de longe

«Se o Padre Manuel António estivesse aqui a meu lado...

Se o Padre José Maria estivesse aqui perto...

Bom, do Padre Telmo hoje não falo — porque ele também está em silêncio. Mas a pensar, a sentir e a agir como todos os que dão as suas vidas na Obra. E que Deus abençoe hora a hora, minuto a minuto. Cá de longe, muito longe mesmo — e não só geograficamente — também penso e sinto como eles só que... falta-me o agir. Na tentativa de tapar esta lacuna, ou, melhor dizendo, de pedir a Deus perdão por este e outros pecados de omissão, corro até vós, seus intermediários, com esta

partilha, que lhes fareis chegar, logo que possível. E muito, muito obrigada.

Assinante 27598».

## Matrimónio

«Venho, mais uma vez, unir-me à vossa meritória Obra, mas, hoje, por motivos muito especiais e que me encham de alegria a alma.

Quis o Senhor que o meu casamento não fosse fértil em filhos, pois não tive nenhum, mas estou feliz porque foi fértil em doação e serviço aos outros. Não digo isto com vaidade ou pretensão, mas com a humildade de quem se deu em muitas áreas: Catequese, Ordem Terceira de S. Francisco, Visitante de Doentes, Voluntária do Hospital, e junto de todos

Continuamos a ver os nossos irmãos a dormir nos vãos das entradas dos estabelecimentos, à espera que alguém lhes aqueça o estômago, com uma tigela de sopa.

Como de costume, fizemos a nossa visita aos nossos amigos.

Desta vez, como era dia de festa, levámos alguns mimos. O nosso amigo deficiente já nos esperava há muito, porque não parava de perguntar por nós à mãe. Quando chegámos, foi direitinho ao saco que levávamos e retirou a prenda que era para ele. Desta vez não a abriu, como era seu costume. Foi pô-la no presépio, que a mãe tinha feito com carinho.

Também em todos eles, deixámos o suficiente para o fiel amigo.

Claro que não podia ser muito.

Chegados a mais um fim de ano, o nosso saldo, continua a ser negativo. Isto acontece a quem não faz contas, porque Deus também as não faz. Mas, na hora certa, Ele lá está presente.

Fomos encontrar todos em suas casas. Com certeza que já contavam com a nossa visita, pois tínhamos prometido voltar pelo Natal.

Enfim, a estes, e apesar das nossas dificuldades, ainda vamos evitando que durmam nos vãos das lojas.

O nosso muito obrigado a todos os que nos ajudam, não só com as suas ofertas, mas também com os seus conselhos.

Que o nosso Pai Américo, lá do Céu, peça por todos nós.

Olga e Valdemar

## Notas do Tempo

Continuação da página 1

à fome, já o é pela ansiedade.

Quando Paulo VI escreveu que «Progresso é o novo nome da Paz», pensava nos homens, no progresso deles, também mediante as conquistas da Ciência e das Técnicas postas ao serviço da sua promoção e da redistribuição dos bens de modo que a todos tocasse uma parcela que fosse garantia do seu bem-estar. Infelizmente a

evolução nos últimos decénios tem desmentido a expectativa que levou o Papa àquela definição. Porque um progresso que se fixa nas coisas, mesmo nobres como o saber, esquecido do Homem como referência fundamental, tende a enfeudar elites cada vez mais requintadas e fechadas no seu mundo.

Logicamente um progresso assim, mais se adequa a guerras do que a fundamento e nome da Paz.

Padre Carlos

aqueles anónimos que precisavam de mim e dos quais eu ia dando conta.

Foi assim que procurei viver a palavra do Evangelho: «Tudo aquilo que fizerdes a um dos mais pequeninos, é a Mim que o fazeis».

Do meu casamento, posso falar de um marido que me deixou ser e fazer, desde que isso não afectasse a nossa vida, mas, para o conseguir, só Deus sabe os momentos que vivi, as dores que passei, e as renúncias que fiz, para conseguir a harmonia no lar.

Há uns anos atrás, o meu marido sofreu um ataque cardiovascular que veio mudar completamente a minha vida. Dedicuei-me de alma e coração ao doente que tinha em casa, (e já tinha vivido essa experiência com um irmão deficiente durante largos anos) e é desta forma que vivo o dia a dia, realizando-me em cada

gesto de ternura e amor que tenho para com o meu companheiro de cinquenta anos de vida em comum.

Celebrámos essa data a 2 de Agosto, na Igreja Matriz, rodeados dos amigos mais íntimos e que partilharam muitos dos momentos bons e menos bons da nossa vida. Aos nossos convidados, pedimos a presença amiga e apenas uma pequena lembrança monetária para a vossa Obra.

Assinante 42961».

## Parabéns

«Com a minha admiração e amizade de sempre, junto envio uma pequena 'migalha' para o tanto que fazeis e tendes a fazer, em Nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os meus parabéns pelo prémio atribuído pela Ordem dos Advogados.

Que este não seja só um incentivo, mas, sobretudo, o

## DOCTRINA

A memória guarda e o espírito em qualquer altura vivifica



O «Pintarrox» veio ontem ao tribunal responder por faltas na sua obrigação. É que eu entrava na enfermaria, na ocasião em que um doente andava ocupado em saltar por sobre as camas e o enfermeiro via e consentia. Aqui é que está. Foi ele o chamado à barra e não o saltador. No dia seguinte mando alguém inspeccionar e soube que o «Pintarrox» se encontrava munido de um grande livro de notas e de um grande lápis para escrever e reportar futuros casos de indisciplina. Aprendeu.

NESTA noite, à hora da ceia que é também dos tribunais, aparece o «Zé da Lenha», colega do «Pintarrox», com a seguinte participação feita e assinada por aquele: «Sr. Padre Américo: O 'Preto' andava a correr. E ainda mais: o 'Preto' roubou a borra ao 'Sapo' e depois pôs-se a mentir a dizer que não. O 'Zé de Luzim' andava a correr. Outra vez o 'Preto' que andava na brincadeira.»

O participante assina. Tirante a fórmula consagrada do «para os devidos efeitos e fins convenientes», temos aqui uma autêntica e formal participação do funcionário encarregado da sua missão. Não lhe falta nada! Por ela sabemos, também, que o «Sapo» aguarda o leite infelizmente e que para bem dele e alegria de todos quantos o estimam, o «Sapo» não entrou nas brincadeiras dos mais. Viva o «Sapo»! Vão também ficar a saber os nossos leitores que o indivíduo ali designado por «Preto» é um preto verdadeiro. É o Acácio da Guiné.

TOMADA que foi a participação em minhas mãos e antes de começar a ler o documento em frente do participante e participados, disse bem alto que o «Pintarrox» não acusava ninguém. Na nossa Aldeia quem acusa, come e come boas. Não era acusar, não senhor; era o desempenho leal e zeloso da sua missão. Tem de manter a ordem nas enfermarias. A assistência escutava sem pestanejar.

CLARO está que hão-de continuar as inúmeras acusações nas nossas Comunidades. A Criança acusa. Acusa sempre. Acusa para se defender, o que é pior. Hão-de continuar, sim. Mas aquilo que a gente aqui prega não é de efeitos imediatos. Não pode ser. Mais tarde. A memória guarda e o espírito em qualquer altura vivifica.

D. Américo!

(Do livro Isto é a Casa do Gaiato, 2.º vol. — em reedi-

reconhecimento efectivo do tanto que há para fazer e alterar na legislação deste País, em nome das Crianças e dos mais desfavorecidos.

Assinante 49146».

## Leio O GAIATO com gosto

«Graças e Paz lhes sejam dadas por Deus, nosso Pai, e Jesus Cristo, nosso Senhor, a si e a toda a Comunidade da Casa do Gaiato.

É sempre com gosto que leio O GAIATO, muito especialmente o que o amigo Padre Acílio escreve no seu «Praticando o Bem». Eu é que lhe agradeço as suas palavras e testemunho de humanidade que nos dá; humanidade que de tão sublime nos

revela o Divino e nos impele a fazer algo para que não nos sintamos tão ocios e de mãos vazias.

Envio o costumeado che-que para o que for preciso e um abraço para todos na sua pessoa e em Jesus Cristo — o Senhor!

Assinante 71290».

## Sinto-me devedora

«O meu dinheiro não é muito, mas o vosso trabalho, a vossa entrega aos mais pobres, merece tudo da nossa parte. A sociedade deve-vos muito. Como faço parte desta sociedade, sinto-me devedora para convosco.

Gostaria de ter muito, para muito vos enviar.

Assinante 12676».

## SETÚBAL

## Educação do Rapaz

«**A** alma é um terreno formidável». Este conhecimento adquirido por Pai Américo no contacto próximo e paterno com os rapazes, toca no ponto fundamental por onde podemos e devemos desenvolver toda a educação do Rapaz.

Educar é ir pedindo ao rapaz que se vá transcendendo. A alma é o centro vital onde o homem encontra a energia para se elevar.

Há uma luta a travar contra a degradação, em que nas situações concretas da vida a alma se vai vendendo.

A conquista da alma do Rapaz vai

no sentido de ele crescer para a dignidade. A conquista consiste em o levar a conhecer-se e a acreditar em si; esta é a melhor ajuda para ele conquistar a verdadeira liberdade.

Sofremos neste momento por rapazes que nos fugiram, pensando eles terem assim entrado em caminhos de liberdade. Andam à solta, entregues a si próprios, sem compromissos nem limites que a vida em comunidade implica existirem.

São grandes as dores do crescimento.

A obediência, ao contrário do que o pensamento irreflectido conclui, é a melhor atitude para alcançar a liber-

dade. Como Cristo, que obedeceu até à morte, esta é também a opção da alma que se conhece a si mesma e que sabe a direcção que os seus trabalhos tomam. Fora disto, vai à deriva, sem rumo, levada pelos ventos da ocasião que tanto podem soprar a favor como contra. Até o descobrirmos, quanto tempo perdido!

O caminhar no deserto que toda a vida experimenta, é tempo de ilusões, enganos e seduções, nas quais muitos se perdem e outros saem vitoriosos. O domínio de si mesmo alcança-se nesta experiência, em que se consolidam os passos futuros.

Quando alguém que nos é querido se perde, as lágrimas do coração são apelo e oração para que se encontre, o que anda sem norte. Quantas vezes não serão as lágrimas uma necessidade que tornam fértil o terreno da alma humana?!

Padre Júlio

## ENCONTROS EM LISBOA

## Precoce abandono da Escola

**P**ERDIDOS na multidão, ninguém os vê nem dá por eles: são os filhos do insucesso escolar e do abandono da Escola em fase precoce. As estatísticas, nos seus números sem rosto e sem cor vão dando conta... Tantos por cento abandonaram, tantos por cento tiveram insucesso... A escola, com algumas dores de cabeça de professores preocupados e com o alívio de outros mais despreocupados, vai continuando o seu ritmo de tentar vestir a todos o mesmo vestido, com os mesmos programas, os mesmos horários, os mesmos ritmos, como se estivéssemos numa sociedade feita em série, onde os desvios e diferenças culturais sócio-económicas não existissem.

Aqui, em Casa, os miúdos não são números, têm rosto e têm história. Confrontados com o vestido único que lhes querem enfiar, sentem os apertos, abrem rasgões e se vêem confrontados com a hipótese de terem mesmo que vestir o vestido único, quanta paciência é precisa para constantemente estar a costurar os rasgões, abrir os apertos, explicar formas e modos de vestir o tal vestido.

Estou grato aos professores que pacientemente vão estando com eles, percebendo também eles a inadequação da vestimenta, mas sem alternativas...

Que fazer? Retirá-los da Escola? De junto dos colegas? Segregá-los?

Estou em crer que o sistema escolar tem que se dedicar a uma séria reflexão sobre este assunto. Até este momento foi encontrada a solução dos conteúdos mínimos. Parece-me que não é o caminho correcto. Creio que deveríamos investir muito mais na diversidade pedagógica sem perda da exigência de conteúdos... Até lá, continuaremos a olhar para a Escola como uma entidade marginalizadora de um número de jovens do nosso País apenas apanhados pelas estatísticas, apesar de se queimarem muitas boas vontades.

Padre Manuel Cristóvão

## TRIBUNA de Coimbra

Continuação da página 1

marcante da sua personalidade. Falámos de tudo: do seu novo trabalho de canalizador — o de hotelaria não o satisfaz. Gostaria de viver na companhia do pai, mas o mundo embrutecido onde vive, marcado pela violência, roubo e insegurança desaconselham; tem medo. Trata da vida por si e tem sabido defender-se. Reparei que tinha a palma das mãos calejadas: «É do trabalho!», respondeu visivelmente satisfeito. Os olhos pareceram-me calmos e límpidos... «Eu não me meto nessas coisas...», percebi, sem o questionar propositadamente. Pergunto sempre pela vida espiritual, como se desejasse de novo ensinar-lhes o «Pai Nosso»... As agressões do meio e a

falta de estímulo levam ao esquecimento — que não é rotura. É bom sabê-lo!

Depois, fomos ao banco por causa da sua conta. Que teria lá uns mil euros — disse. Mostrei-lhe o extracto com 2500.

Um sorriso modesto e carregado de simplicidade: «Não julgava que fosse tanto... Vai para uma conta de poupança-habituação que já tenho aberta...» Ao despedir-me meditei no Evangelho da transfiguração. A subida ao monte na qual o desânimo, algumas vezes, se faz companheiro; a nuvem misteriosa a esconder o sol radioso que pelo facto de não se ver não deixa de lá estar e a voz do Pai, tudo me pareceu mais perto neste encontro, nesta despedida.

Padre João

## PENSAMENTO

A verdadeira argamassa das obras sociais está no espírito de pobreza. Poupar, poupar, poupar. As pedras de elevação são feitas de confiança nesse mesmo espírito. A cúpula é a visão.

PAI AMÉRICO

## CALVÁRIO

## O Pepe

**Q**UANDO passo junto ao Pepe, aparentemente ausente e imóvel, interrogo-me muitas vezes: — Afinal o que é a vida?

Para a maioria dos homens a vida são canseiras, trabalho, negócios, azáfama, diversão ou angústia e sofrimento.

Embora alheio a tudo isto, o Pepe também vive. A vida está ali, sem mais. Foi-lhe imposta desta maneira trágica, mas ele não a discute. Parece até apreciá-la: a vida está dentro dele.

Ora, poucos homens dão valor à vida que está dentro de cada um. Estão sempre fora. Raramente se encontram consigo próprios. Não se conhecem e, muitas vezes, nem são conhecidos. Sabemos o que dizem, o que fazem, o que planeiam. Mas o que realmente são, permanece ignorado.

se não passarem ao terreno.

Mais: Soou aos meus ouvidos a notícia do grande alvoroço em alegria com a chegada ao Compão, no Lobito, do nosso camião com algumas dezenas de carteiras escolares, feitas nas nossas oficinas de serralharia e carpintaria. A escola do destino funcionava com latas a servir de bancos e coisas semelhantes. Em muitos sítios é assim. Lá estavam também mulheres na aula de alfabetização. Cantaram e dançaram e esperam por mais carteiras. É a alegria na celebração do dia da mulher. Vale a pena! A Casa do Gaiato está comprometida com a causa da mulher.

À hora em que escrevo, entramos na segunda semana da Quaresma. O tema da mensagem da Igreja para este tempo forte anda a volta da criança que deve ser acolhida, defendida, protegida e apoiada. A Casa do Gaiato está no coração da palavra do santo Padre. A mulher mãe, que o é de verdade, é insubstituível na história normal da criança. Estou a lembrar-me do filho, agora em nossa Casa, que viu a mãe ser

Podem até revelar-nos os seus pensamentos bons e maus, os seus desejos ordenados ou desordenados, os seus anseios reais ou ilusórios. Mas o recôndito de cada um é mais profundo e fica oculto. Quem vive dentro de si próprio? Muitos nem sequer questionam porque vivem.

Quando olho para o Pepe pergunto-me porque vive ele, nestas circunstâncias tão contingentes. Certamente e só porque Deus o quer e ama.

A primeira razão de viver e crescer é ser-se aceite e reconhecido como único. E Deus trata-nos a todos como únicos. A segunda razão é ser-se amado. E Deus criou-nos porque nos ama. Quando o homem descobrir tudo isto na sua vida, pode considerar-se feliz. E tanto mais, quando ele próprio se aceitar como é.

Olhar, pois, este pequeno tão sereno é ver a vida de outra maneira. É descobrir o lado mais profundo da vida. É penetrar no segredo da vida que só Deus conhece com clareza. Para quê tanta azáfama na vida se não damos conta que ela é algo de mais sério.

A grande maioria dos homens passa a vida sem se conhecer, sem conhecer o segredo que transporta. Só quando o homem chegar a ver como Deus vê se conhecerá verdadeiramente.

Quando olho para o Pepe, parece-me que ele se encontra distante, alheio a tudo. Abeiro-me, toco-lhe e ele levanta o rosto e sorri.

Padre Baptista

## BENGUELA

## Dia Internacional da Mulher

**B**EM queria sentar-me, mais cedo, à secretária para redigir estas Notas. Só 24 horas depois. É Domingo. A Eucaristia começa o dia com um desafio radical: «Faz o que Eu faço, diz-me Jesus Cristo; oferece a tua vida pelo povo, como Eu estou a fazer, há dois mil anos para cá, sobre o Altar.» Assim é, assim deve ser.

A Emiliania Nduva esperava por mim, à porta da saída. A mulher não tem casa, mas tem a riqueza dos seis filhos vivos e dois mortos que vai criar na sua viuvez. Não tem mais nada além da confiança segura na Casa do Gaiato e a juventude dos 39 anos que vai gastar no trabalho para sustentar os filhos. Acompanhei-a ao morro da Graça. Ali mesmo fizemos o negócio: comprou a casa e eu paguei. Doutra maneira, nada. O capital humano que possui vai ser investido na educação dos filhos e no seu crescimento.

Esta mulher tem um significado real, imediato. Nela, porém, vejo um símbolo tam-

bém. As mulheres angolanas, na sua maioria, estão representadas nesta figura. É riqueza humana a necessitar das mãos embebidas no óleo santo da justiça e da caridade para sair do abismo da pobreza extrema e da miséria. Queremos ser estas mãos bem agarradas às vossas mãos. É possível fazer mais.

Estou a escrever no dia internacional da mulher, 8 de Março. Estamos a celebrar este dia à maneira de todos os dias do ano, em que a mulher avó, mãe, filha, doente, em casa e no trabalho, na vida pública ou particular, tem o direito de ser respeitada como pessoa e a viver como tal. Depois da Emiliania, outras tantas estão à espera. Vêm à procura de livros para os seus filhos, que as aulas já começaram. Amanhã vão recebê-los, pois, doutra forma, ficariam sem escola. Assim fazemos a festa da mulher, todos os dias do ano. Discursos? São precisos também. Contudo, não resolvem os problemas

morta, durante a guerra, quando o trazia às costas. Ficará para sempre gravada em sua vida a imagem dolorosa da mãe. Só com outra mãe poderá ser curada tão grande ferida. Outro veio também com chagas muito profundas: a mãe morreu nos confrontos armados e o pai, depois de perseguido, acabou por morrer. Vejo este menino triste. Faltou-lhe o carinho da mãe e do pai numa fase muito crítica do seu crescimento. Não vou contar mais a história de cada um. Na raiz do drama vivido por estas crianças está sempre a família. Por isso, a Casa do Gaiato quer ir ao encontro delas para as acolher, defender, proteger e apoiar.

Padre Manuel António